

## **Produção de leitura: a cada página uma descoberta**

Franciele da Costa Souza\*  
Everton Almeida Barbosa\*\*

**Resumo:** Este relato visa a comunicar a experiência de um trabalho de caráter qualitativo e subjetivo que foi desenvolvido com um aluno de 6º ano, ao qual deu-se o nome fictício de Pedro, na Escola Estadual Vereador Bento Muniz, na cidade de Tangará da Serra - Mato Grosso. O objetivo era acompanhar, no contraturno da escola, um aluno com dificuldades em leitura e interpretação de textos e propor atividades que propiciassem alguma melhora nesses aspectos. A observação de seu possível progresso e os pontos sobre os quais esse progresso se daria constituíram a face investigativa da proposta. O trabalho foi realizado no decorrer de julho a novembro de 2015, em dezoito encontros, com trinta e seis horas de apoio, divididas em duas horas a cada encontro. Como resultado, percebemos melhora na autoestima do aluno, o que interferiu diretamente em seu interesse pela leitura e em sua participação em sala. Percebeu-se como é importante estabelecer-se confiança entre professor e aluno para que a recepção do trabalho por parte deste seja mais eficaz, principalmente os que apresentam mais dificuldades.

**Palavras-chave:** dificuldade de aprendizado; autoestima; leitura.

Production of reading: in each page a discovery

**Abstract:** This report aims to communicate the experience of a qualitative and subjective work that was developed with a 6th grade student, who was given the fictitious name of Pedro, at a State School named Vereador Bento Muniz, in the city of Tangará da Serra - Mato Grosso. The objective was to accompany a student with difficulties in reading and interpreting texts and to propose activities that would provide some improvement in these aspects. The observation of his progress and the points on which this progress would take place constituted the investigative side of the proposal. The work was carried out from July to November 2015, in eighteen meetings, with thirty-six hours of support, divided into two hours at each meeting. As a result, we noticed an improvement in the student's self-esteem, which directly interfered with his interest in reading and his participation in his regular classes of language. It was realized how important it is to establish trust between teacher and student so that the reception of the work by the student is more effective, especially those who have more difficulties.

**Keywords:** learning difficulty; self-esteem; reading.

---

\* Graduada em Letras pela UNEMAT – câmpus de Tangará da Serra. Contato: [francieletga62@gmail.com](mailto:francieletga62@gmail.com).  
Texto produzido a partir de Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação.

\*\* Orientador. Professor de Literaturas de Língua Portuguesa na UNEMAT – câmpus de Tangará da Serra.  
Doutor em Estudos Literários pela UFMG. Contato: [everton@unemat.br](mailto:everton@unemat.br)

Realizamos diversas leituras literárias e outras leituras inspiradas em seu cotidiano, pois esse aluno apresentou dificuldades em seu aprendizado, sendo necessário o apoio pedagógico no contraturno para a busca de melhoras no desenvolvimento de suas habilidades e produção de conhecimentos. Nossa pesquisa justificou-se pelo interesse em conhecer a realidade de leitura dos alunos, mobilizado a partir de inúmeras reflexões desenvolvidas na academia sobre os níveis de analfabetismo funcional em nosso país. Num primeiro momento, pensamos em trabalhar leituras com todos os alunos do 6º ano 'A' da Escola Estadual Vereador Bento Muniz, pois nosso trabalho foi realizado juntamente com as atividades do Programa Institucional de Iniciação a Docência (PIBID)<sup>1</sup>.

Porém, logo nas primeiras semanas de observação da turma, percebemos que nosso objetivo de trabalho não seria alcançado com êxito, caso trabalhássemos com toda a turma de 6º ano. Essa percepção aconteceu por notarmos que alguns alunos mais desenvolvidos nas atividades de leitura possuíam certo preconceito em relação aos alunos que tinham dificuldades e esse fato prejudicaria nosso objetivo geral de melhorar a leitura e interpretação dos alunos com dificuldades. Contudo, esse mesmo preconceito acontecia de forma reversa, com os alunos que eram julgados mais inteligentes da sala. Dessa forma, numa turma, a diferença de habilidade para a leitura gerava preconceito e discriminação, tanto em relação aos que tinham dificuldade, quanto aos que tinham facilidade com a leitura.

O preconceito e a diferença deveriam ser trabalhados antes de qualquer outra atividade voltada a temas mais específicos, mas esse não era o foco da pesquisa e nem haveria tempo hábil para tanto. Concentramos, assim, nossa pesquisa no auxílio do desenvolvimento das habilidades do aluno que apresentou interesse nela, pois outros alunos com dificuldades iguais também foram convidados a participar, mas infelizmente não prosseguiram no trabalho.

Realizamos, com o aluno, encontros semanais para tratar de leitura, interpretação e do acompanhamento de suas atividades em sala de aula. O

---

<sup>1</sup> Programa realizado pela Universidade do Estado de Mato Grosso com apoio da Capes que possui como objetivo melhor preparar os discentes de licenciaturas para as salas de aulas.

objetivo era possibilitar condições para melhora da leitura e interpretação de textos, pois essa era sua maior dificuldade e comprometia seu desempenho em todas as disciplinas da grade escolar. Como método para alcançar nosso objetivo, trabalhamos reflexões e discussões acerca de cada leitura realizada por Pedro, mobilizando o pensamento crítico, estimulando-o a estabelecer relações os textos, buscando iniciar o trabalho a partir de seu cotidiano para, mais tarde, introduzir outros textos, enriquecendo, assim, as leituras e o vocabulário.

Em um momento de conversa com Pedro, adquirimos informações pertinentes sobre ele. Foi-nos confidenciado seu pouquíssimo hábito de leitura, característica que repetia dos pais. Por outro lado, Pedro apresentou interesse por histórias de lobisomens e filmes do mesmo gênero. Apesar do interesse, ele pouco leu sobre o tema, não apresentando bons argumentos para a defesa de sua preferência. Pedro mora em um bairro simples da cidade, era o filho mais velho da família, tendo mais dois irmãos menores. Utilizava-se de transporte escolar público como condução para a escola e, para nossos encontros de estudo, ele utilizou o mesmo recurso. Para retornar para casa, o pai buscava-o na escola, pois o término do apoio não correspondia ao horário do transporte escolar e o pai, no período da pesquisa, estava afastado do trabalho por motivo de doença. Esses detalhes se fizeram muito importantes para o desenvolvimento do aluno. No decorrer dos encontros, a atividade permitiu uma aproximação maior com Pedro, criando-se uma afetividade mútua, e consideramos que esse sentimento de respeito e carinho foi o grande diferencial da pesquisa, pois, além das leituras necessárias para seu conhecimento intelectual, era possível dialogar com ele sobre os mais diversos assuntos, sobre os quais, talvez, ele não tivesse oportunidade de conversar com os pais. Conversamos, por exemplo, sobre possíveis carreiras profissionais, ou sobre o comportamento de alguns colegas que ele julgava inadequados, mas que também repetia, sem refletir sobre as consequências.

Nesse primeiro encontro, a intenção foi conhecer Pedro, para então buscar as melhores estratégias de abordar as leituras com ele. Outro objetivo foi o de conhecer mais exatamente como eram suas leituras e suas interpretações. Como nosso objetivo era proporcionar melhoras em suas dificuldades, fazia-se imprescindível realizar leituras que, a princípio, lhe possibilitassem algum prazer

em ler, pois o interesse era cativar o aluno e não afastá-lo de nossa pesquisa, sendo nosso maior desafio mantê-lo interessado e ativo nas leituras propostas.

Algumas dificuldades de Pedro foram observadas no primeiro encontro, após realizarmos a leitura do conto *Por que o céu é tão longe*, de Dawn Casey (2010). Entregamos para ele o livro de contos, que ele folheou um pouco antes de iniciar a leitura. Nesse momento, observamos importantes dificuldades, como: leitura lenta, demorando alguns segundos olhando a palavra para depois lê-la; problemas em respeitar as pontuações e os acentos nas palavras, realizando as leituras como se o texto não tivesse nenhum sinal de pontuação, como vírgulas, pontos e parágrafos; falta de concordância na leitura; troca, o tempo todo, entre plural e singular, colocando plural onde não existia e singular onde havia plural, sem verificar as palavras; dificuldade em decodificar algumas palavras, equivocando-se por não se tratar da palavra que ele pensava ser. Neste caso, supomos que ele desejasse ler rapidamente a frase e por isso não se atentava aos sinais de pontuação do texto, bem como às palavras que inicialmente eram desconhecidas.

Ao longo de nossa pesquisa, Pedro apresentou desânimo em alguns encontros, faltando ao dia de apoio e realizando as leituras com pouco entusiasmo. Ele já apresentava algumas poucas evoluções<sup>2</sup> na fluência de sua leitura e nós estávamos dispostos a não perdê-lo para sua falta de vontade, pois suas melhoras apresentavam algum sucesso em nosso trabalho. Por outro lado, essas evoluções poderiam passar a falsa impressão, para ele, de que já estava apto o suficiente para deixar o apoio à leitura e interpretação. Realizamos muitas leituras na *internet*, pois Pedro se recusava muito a ler livros impressos, alegando que era chato e que não gostava de livros. Infelizmente, não conseguimos estimular esse hábito durante nossa pesquisa.

Procurávamos apresentar a ele a importância do ato de ler, buscando mobilizar a sua curiosidade para as leituras e sempre refletindo sobre cada uma, pois desejávamos, além de melhorar suas condições de leitura, que ele passasse a compreender criticamente o que havia lido. No início da pesquisa, ele passava a impressão de que não compreendia as leituras, de que elas não surtiam efeitos

---

<sup>2</sup> Nesse caso, não faremos a citação de todo o processo, para enfatizar as conquistas mais visíveis e significativas ao final.

nele. Seu olhar ficava perdido. Ficava aparente em seu rosto que ele havia lido, decodificado cada palavra, mas que não havia compreendido o conteúdo e era isso que buscávamos mudar. Era necessário ler e compreender e não apenas ler por ler. A observação desses detalhes mínimos de sua leitura só foi possível por se tratar de uma pesquisa individual, sendo o foco totalmente dirigido para apenas um aluno, diferentemente do trabalho na sala de aula, em que o professor precisa dar atenção para muitos alunos ao mesmo tempo. Pedro, pelas características que apresentou, encontrava-se na condição de “analfabeto funcional”, conforme a definição dada por Ribeiro:

A questão não é mais apenas saber se as pessoas conseguem ou não ler e escrever, mas também o que elas são capazes de fazer com essas habilidades. Isso quer dizer que, além da preocupação com o analfabetismo, problema que ainda persiste nos países mais pobres e também no Brasil, emerge a preocupação com o alfabetismo, ou seja, com as capacidades e usos efetivos da leitura e escrita nas diferentes esferas da vida social” (RIBEIRO, 2006 p.01).

Realizávamos a interpretação dos textos de forma oral, buscando relativizar as questões, mostrando para ele que a arte, no caso a literária, pode ser vista como uma representação da realidade. Pedro tinha muita dificuldade para se expressar por meio da escrita e, além da dificuldade, ele se recusava a escrever. Por mais que lhe apresentássemos variadas opções e sugestões de leitura e escrita, dizendo oralmente como ele poderia começar a escrever algum texto, ele sempre demonstrava falta de entusiasmo para escrever. A cada encontro, tentávamos ao máximo encorajá-lo para a escrita, mas nunca alcançávamos bons resultados nessa parte. É importante salientar que o aperfeiçoamento da escrita se faz diante do movimento de escrever, mas Pedro não aceitava muito bem nossos argumentos. Sobre isso, afirma Freire (1996, p.70-71): “minha posição tem de ser a de respeito à pessoa que queira mudar ou que recuse a mudar. Não posso negar-lhe ou esconder-lhe minha postura, mas não posso desconhecer o seu direito de rejeitá-la”. Sempre incentivamos Pedro a realizar todas as atividades propostas, mas jamais o obrigamos a nada dentro da nossa pesquisa. Afinal, nossa intenção era ajudá-lo com nossa pesquisa e não frustrá-lo.

Em poucos encontros, Pedro já mostrava sinais de modificações em seu desempenho de leitura. Ao realizarmos as leituras no computador, ele não demonstrava cansaço, como havia feito em encontros anteriores com o texto impresso e, muitas vezes, estava entusiasmado para conhecer mais sobre os temas de cada encontro. Ele era o pesquisador dos textos no computador. Apresentávamos o tema e ele escolhia o texto. Deixávamos que fosse autônomo diante do computador, pois desejávamos também ver o que ele realmente iria procurar. Ele se dispersava com outras pesquisas fora dos temas de leitura apenas nos minutos finais dos encontros, o que era natural, afinal, ele era um pré-adolescente. Em vários dias, ao final dos encontros, permitíamos que ele utilizasse livremente o computador para estimular sua curiosidade e para que ele se familiarizasse cada vez mais com a ferramenta.

Suas leituras, após o quinto encontro, começaram a apresentar boas melhoras. Ao trabalharmos a importância da água, por exemplo, ele argumentou satisfatoriamente sobre o que devemos fazer para não poluirmos nossos rios e apontou os principais erros que cometemos contra o meio ambiente. Versou bem sobre o texto lido e conseguimos dialogar sobre o tema durante as duas horas de apoio. Pedro disse que muitas pessoas não têm consciência de que a nossa água irá acabar um dia, mas nós estudantes sabemos que vai, porque os professores sempre falam isso para gente, por isso devemos cuidar dela. Perguntamos a ele o que fazia com os papéis de bala que consumia na escola e, ainda, o que fazia com o restante de materiais de sua casa, com o “lixo”. Entre risos vergonhosos, ele disse que às vezes jogava no chão os papéis de bala, às vezes não e que algumas coisas a mãe mandava para o recicla<sup>3</sup>, outras não, caixinhas de leite ela sempre mandava.

Nosso trabalho também ajudava Pedro em seu comportamento com os colegas. Em determinado momento, ele disse que estava mais confiante, melhor para ler e mais educado também. Usou a palavra “educado” para tratar de discussões e brigas na escola. Como acompanhávamos Pedro em sala de aula, era possível perceber a mudança em seu comportamento. Ele passou a andar menos em sala e a não provocar e estimular discussões entre os colegas. Percebíamos

---

<sup>3</sup> COOPERTAN – Cooperativa de Produção de Material Reciclável de *Tangará da Serra – MT*. Popularmente conhecida como “Recicla”.

que sua leitura estava mais rápida e sem tropeços nos sinais de pontuações. Claro que, às vezes, ele cometia erros, mas já tinha consciência deles. Assim, quando observado por nós, ele voltava na frase e a corrigia. Para as entonações nas frases do texto, Pedro ainda apresentava dificuldades. Era possível notar que ele estava realmente se concentrando para realizar as leituras, mas o raciocínio rápido para as interpretações ainda estava passando por mudanças e não observávamos resultados nos primeiros encontros, como havíamos percebido para a leitura. Sempre era necessário indagá-lo várias vezes sobre o mesmo termo para levá-lo a dialogar em algum momento. Intercalávamos as leituras entre o computador e histórias em quadrinhos, para não corrermos o risco de Pedro nos apresentar mais algum empecilho na hora das leituras. Isso o motivou mais. A cada nova leitura, ele nos dizia que desejava ser um profissional diferente, como exemplo, de “programador de jogos”, “escritor”, “astronauta”, “médico” e “professor”, “mas como, professor eu não serei bonzinho não”, dizia ele.

Percebíamos os resultados de nosso trabalho quando Pedro usava fragmentos de leituras feitas conosco na argumentação com colegas e ao aperfeiçoar sua dicção nas leituras. Ao dizer que havia lido sobre a água e pedir para um colega não desperdiçá-la, entendemos que isso era demonstração de interpretação e modificação de suas ideias, conquistadas a partir do nosso trabalho.

Inicialmente, ele não sabia usar as palavras certas para defender seu ponto de vista conosco quando era solicitado, mas passou a saber usar os argumentos e leituras que trabalhávamos, quando precisava argumentar com outros. Assim, ele não somente compreendeu nosso trabalho, como o colocou em prática a cada momento oportuno. Por mais que, às vezes, tivéssemos dúvidas sobre as suas compreensões, ao vê-lo em sala de aula usando e reproduzindo argumentos utilizados no apoio, percebíamos que Pedro havia, à sua maneira, tomado posse dos conhecimentos trabalhados com ele. Não havia transferência e sim assimilação e troca dos saberes.

Após a conclusão do período de trabalho, realizamos em agosto de 2016, quase um ano depois, uma visita ao aluno e sua nova professora de Língua Portuguesa. Em conversa com ele, perguntou se havíamos voltado para estudar com ele. Respondi que não, que era apenas uma visita para saber como estava

com as leituras. Ele respondeu que estava lendo, inclusive em Inglês, que às vezes era fácil, às vezes não, que havia gostado das nossas leituras, que estava mais quieto na sala e fazia sempre as atividades. Em diálogo com a professora, ela nos disse que Pedro realizava sempre as leituras em sala e lê bem, mas ainda tinha o raciocínio um pouco lento e se distraía com facilidade.

Considerando o teor subjetivo desse relato, destacamos que a proposta de trabalho não foi a aplicação para teste de um método pronto, uma fórmula mágica para resolver o problema de leitura que prejudica nossos alunos frequentemente. A intenção aqui foi justamente a de fazer uma aproximação com um aluno que apresentava problemas de rendimento escolar e, a partir da interação com ele, a identificação de aspectos de sua dificuldade, bem como de suas potencialidades.

Nesse sentido, pode-se dizer que as dificuldades do aluno se davam muito por fatores subjetivos, que só o acompanhamento particular poderia identificar. As pequenas alterações no humor, na concentração, na iniciativa e autonomia do aluno são aspectos que só posteriormente são mais claramente verificáveis, mas são muito importantes desde o início, antes ainda do trabalho técnico com a linguagem. Em relação a Pedro, sentimos que a confiança mútua, por exemplo, foi fator primordial para uma melhora em sua participação e seu comportamento, ainda que seu desempenho técnico não alcançasse estágio mais avançado.

A partir disso, concluímos que, através do conhecimento do professor e do querer do aluno, é possível realizar muitas modificações no ato de ler e, principalmente, no nosso modo de educação. Para isso, é imprescindível que a escola e a universidade comunguem de objetivos e parcerias em comum. É necessário que a escola esteja de portas abertas para os acadêmicos e que a universidade veja a escola como aliada em busca de melhores condições de ensino. É importante que a universidade elabore projetos visando o desenvolver dos acadêmicos, pois, no ensino regular, encontramos diversas dificuldades de alunos, como dislexias, síndrome de *dawn* etc., e os acadêmicos, quando em exercício de função, em sua maioria, talvez, não saberão lidar com dificuldades assim.

Acreditamos que Pedro, a partir de nossos apontamentos, argumentos e esclarecimentos em favor da leitura, passou a vê-la de maneira diferente, olhando-a como um instrumento libertador, observando nela, não apenas um

veículo de conhecimento, mas também de prazer, pois, cada vez que Pedro argumentava sobre a importância de se cuidar de nossas águas, ou quando utilizava fragmentos de leituras para dialogar com os colegas, apresentava sinais de que havia compreendido nosso trabalho.

Nossa pesquisa foi realizada individualmente e as conclusões alcançadas só foram possíveis por causa disso. Seria difícil realizar o mesmo procedimento com uma turma de trinta alunos, por exemplo, mas o trabalho poderia ser realizado por acadêmicos em formação, com grupos de dois ou três alunos. Mais uma vez, destaca-se a importância do trabalho em conjunto entre escola e universidade. A cooperação de ambas tornaria possível um atendimento mais individualizado, fator preponderante para melhora no rendimento escolar, e tornaria mais eficiente o trabalho dos cursos de licenciatura na formação dos futuros professores.

É preciso planejar e agir em trabalhos individuais, buscando conhecer as especificidades de cada aluno, de cada realidade escolar. Não podemos planejar ações voltadas exclusivamente para o coletivo, pois não podemos negar a individualidade de cada ser, não negando assim, que cada aluno assimile os conteúdos de forma individual. Podemos ter em sala de aula um aluno muito bom em português, mas que não compreende matemática e física. Podemos também ter um aluno que compreenda e aprenda todos os conteúdos sem nenhuma dificuldade, mas que, por outro lado, não consiga se socializar com os colegas e familiares. Esse aluno, assim como os outros, também necessita de apoio para sanar sua dificuldade de relacionamento.

Desenvolvemos nossa pesquisa de forma subjetiva, analisando e observando as movimentações do aluno atendido, agindo para a estimulação da leitura e da interpretação, mas também auxiliando em seu crescimento como ser humano crítico, responsável por suas ações. Esse acompanhamento de perto, afetivo, mostrando a ele que nossa presença era para ajudá-lo e jamais para julgá-lo, foi o primordial para a conclusão da pesquisa. Assim, finalizamos o trabalho com o sentimento de ter contribuído com o desenvolvimento de Pedro, em relação à sua autonomia e interesse pela leitura e consideramos esse um grande passo, que precisa ser dado concomitantemente, ou mesmo anteriormente, ao ensino do conteúdo formal relacionado à leitura e à língua.

## Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Paz e terra: São Paulo. 1996.

RIBEIRO, Vera Masagão. Analfabetismo e alfabetismo no Brasil. **Boletim INAF**. São Paulo: Instituto Paulo Montenegro, jul./ago. 2006. Disponível em: <<http://www.faccamp.br/letramento/GERAIS/analfabetismo.pdf>>.

## Bibliografia consultada

CORRÊA, Hércules Tolêdo. **Adolescentes leitores**: Eles ainda existem. p. 51-73. (Orgs) PAIVA, A.; MARTINS, A.; PAULINO G.; VERSIANI Z. In: Literatura e letramento: espaços, suportes e interfaces. Autêntica: Belo Horizonte. 2003.

DUTRA, Daniel Iturvides. **Literatura e leitura no mundo atual**: Apontamentos sobre a influência das novas tecnologias no processo de leitura e produção de sentido. p. 65-74. Porto Alegre, 2009.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. Autores associados: Cortez. São Paulo, 1989.

KLEIMAN, Angela B. **Preciso “ensinar” o letramento?** Não basta ensinar a ler e escrever? Unicamp, 2005.

PERINI, Mário A. **A leitura funcional e a dupla função do texto didático**. p. 78-86. (org) ZILBERMAN R. SILVA E. T. In: Leitura: perspectivas interdisciplinares. Ática: São Paulo, 2004.

SILVA, Ezequiel Theodoro; ZILBERMAN, Regina. **Pedagogia da leitura**: movimento e história, p.111-115 (org) Zilberman R. SILVA E. T. In: Leitura: perspectivas interdisciplinares. Ática: São Paulo, 2004.

SOARES, Magda Becker. **As condições sociais**: uma reflexão em contraponto, p. 18-29. (org) Zilberman R. SILVA E. T. In: Leitura: perspectivas interdisciplinares. Ática: São Paulo, 2004.